

# **Fundação Migrantes**

## **Relatório Italianos no Mundo 2012**

### **Edizioni Idos, Roma, maio de 2012**

#### **Resumo**

*“A sétima edição do Relatório Italianos no Mundo, embora mantenha invariável a sua estrutura, apresenta conteúdos inovadores em nível estatístico, sócio-cultural, econômico e pastoral. Com relação ao passado, situa-se em um ano em que a garantia de estabilidade das finanças públicas implicou, para 2012, em uma ulterior e difícil redução do balanço do Ministério das Relações Exteriores”*: assim se lê na introdução assinada por monsenhor Giancarlo Perego, Diretor Geral da Fundação Migrantes, o qual faz referência, em sua intervenção, a eventos significativos do passado e a diversas questões problemáticas da situação atual.

#### **A emigração no passado**

Entre os países industrializados, a Itália é aquele que, historicamente, deu maior contribuição aos fluxos internacionais com quase 30 milhões de expatriados desde a Unificação Italiana até hoje, dos quais 14 milhões no período entre 1876 e 1915. A ascensão econômica ocorrida entre 1896 e 1908, durante a qual o PIB conheceu um crescimento anual de 6,7%, também se mostrou insuficiente para absorver os camponeses expulsos do campo. Em 1913, emigraram quase 900 mil italianos, uma verdadeira hemorragia: atravessava-se o oceano de navio e na Europa os deslocamentos eram feitos de trem ou até mesmo a pé. A Sicília, de onde em 1876 partiam pouco mais de 1.000 pessoas, chegou a superar as 100 mil saídas no início do século XX e é, atualmente, a primeira região em número de emigrantes no exterior.

Na Argentina, no início do século passado, eram mais numerosos os residentes de origem italiana em comparação com os próprios argentinos. Avellaneda (nome emprestado do então presidente da República), cidadezinha do nordeste da província de Santa Fé, foi fundada em 18 de janeiro de 1879 com a chegada de um grupo de famílias friulanas, atraídas pelos benefícios da lei sobre a imigração e a colonização, que a cada uma delas destinava trinta e seis hectares de terra para cultivo; apesar do tempo transcorrido, esta coletividade permaneceu coesa e orgulhosa de suas tradições.

No Brasil, outra importante e histórica saída para os nossos emigrantes, no Estado de São Paulo 44% dos habitantes são de origem italiana. A presença é de longa data também em outros países. No Peru, por exemplo, a Companhia dos Bombeiros Garibaldi, ainda ativa, foi fundada em 1872; aqui ficou famoso Antonio Raimondi, que chegou ao porto de Callao em julho de 1850, por seus méritos como explorador da Cordilheira dos Andes. Na área latino-americana, onde entre os italianos difundiram-se, desde o início, formas associativas de auxílio mútuo, vários atuam entre os 22 hospitais italianos e os 20 centros de assistência no exterior. Na América do Sul também está localizada a cota mais consistente tanto das 400 mil aposentadorias italianas pagas no exterior, como dos pedidos de aquisição de cidadania (768.192 entre 1998 e 2007).

A presença italiana é muito significativa também na América do Norte. Nos Estados Unidos os ítalo-americanos inscritos no AIRE são 215.000, enquanto as pessoas de origem italiana são 15 milhões no país inteiro (incidência de 5,6% sobre a população) e, destes, 2 milhões e 700 mil residem na área metropolitana de Nova Iorque.

As expatriações foram elevadas não apenas entre o final do século XIX e o início do século XX, mas também após a segunda guerra mundial: nos anos 50 e 60 foram quase

300.000 por ano; 180.000 nos anos 70; 685.000 nos anos 80 e ainda menos nos anos sucessivos, colocando-se atualmente abaixo de 50 mil casos.

Desde a metade dos anos 70, devido ao ritmo demográfico negativo, as repatriações dos italianos foram mais numerosas do que as expatriações e começou, também na Itália, a chegada dos trabalhadores estrangeiros.

### **A emigração atual**

Em 1861 os italianos no exterior eram 230 mil para uma população de 22 milhões e 182 mil residentes (incidência de 1%). Em 1º de janeiro de 2012, acrescidos de 93.742 casos em sua totalidade após um ano, os cidadãos italianos inscritos no Cartório de registro dos italianos residentes no exterior (AIRE) são 4.208.977 (47,9% de mulheres) e incidem sobre uma população residente na Itália em 6,9%. Já os descendentes são estimados em mais de 60 milhões.

Estas estatísticas são aproximativas para menos, porque não é possível registrar todos aqueles que continuam a emigrar. São realmente numerosos os jovens que deixam para trás uma situação de precariedade e se dirigem ao exterior (por vezes com repetidos deslocamentos e sem um projeto definitivo), atuando principalmente como pivôs nas redes familiares; muitas vezes, no início, não têm um bom conhecimento da língua local, mas quase sempre possuem uma adequada qualificação para se inserir no mundo produtivo e de pesquisa. As metas preferidas são a Alemanha, o Reino Unido e a Suíça, mas há também quem se dirija a países mais distantes. A viagem torna-se, portanto, central em seu percurso cultural e profissional.

Segundo recentes sondagens (Eurispes 2012) quase 60% dos italianos entre 18 e 24 anos declaram-se dispostos a empreender um projeto de vida no exterior. Os mais inseguros sobre as oportunidades oferecidas na Itália são aqueles entre 25 e 34 anos, mais mulheres do que homens, mais no Norte e no Centro do que no Sul e nas ilhas. Tal percepção é difundida entre os mais jovens e, além disso, a desconfiança aumenta quando o grau de instrução é mais elevado.

Para enquadrar de modo completo o fenômeno da mobilidade é preciso considerar, portanto, os fluxos tradicionais e os novos fluxos, estáveis e oscilantes, bem como os trabalhadores sazonais (59 mil apenas na Suíça) e as migrações internas, também estas ainda inconsistentes (109 mil transferiram-se do Sul para o Centro-Norte).

### **As comemorações da Emigração Italiana**

A publicação do novo *Relatório Migrantes* coincide com o encerramento das celebrações oficiais do 150º Aniversário da Unificação Italiana, que levou a refletir sobre as temáticas emergentes nos estudos migratórios e, em particular, sobre o estabelecimento (para além dos regionalismos e localismos) da identidade italiana e sobre a contribuição dada pela diáspora à Pátria, da qual foi relevante o retorno à Itália de 150 mil expatriados para participar das operações da primeira guerra mundial.

Esta e outras comemorações, desde sempre ocasiões para reflexão, ajudam a fazer um balanço sobre a complexa relação entre a Itália e seus emigrantes.

A Associação Bellunesi nel Mondo celebrou, em 12 de novembro de 2011, seus primeiros 45 anos de vida, recordando as pessoas visionárias que favoreceram seu nascimento, dentre as quais o bispo monsenhor Gioacchino Muccin e o engenheiro Vincenzo Barcellona Corte. A constituição da Associação aconteceu sob a onda emotiva da tragédia de Mattmark, na Suíça (30 de agosto de 1965), quando uma avalanche despejou-se sobre um canteiro, fazendo numerosas vítimas (dentre as quais 17

bellunesi), e fez com que na Itália se pensasse na dura vida dos emigrantes. Ainda na Suíça, em Zurich, no mês de dezembro de 2011 foi celebrado o 50º aniversário da Libreria Italiana, fundada por Sandro e Lisetta Rodoni, que por muitos anos constituiu-se refúgio para os simpatizantes da esquerda, que então não eram bem aceitos. Muitos frequentaram esta livraria, dentre os quais vários personagens famosos como Carlo Levi e Leonardo Sciascia. O escritor Saverio Strati, transferido para a Suíça em 1964, iniciou o seu quinto romance *Noi lazzaroni* (1972), ambientando-o exatamente nesta livraria. Dentre as coisas que os compatriotas tiveram que suportar houve vários referendos promovidos, entre 1965 e 1974, contra o chamado “estrangeiramento” (*Ueberfremdung*) porque a presença estrangeira era por muitos considerada excessiva apesar da fundamental contribuição, não apenas econômica, assegurada à Suíça.

Coincidem também outras comemorações centenárias, como aquela da ferrovia mais alta do mundo. Em 1º de agosto de 1912, depois de iniciados os trabalhos em 1896 e após a queda, no mês de fevereiro, da última barreira da galeria que levava à estação mais alta da Europa (a 3.454 metros sobre o Jungfrauoch, uma zona dos Alpes bernenses), entrava em funcionamento a ferrovia a cremalheira de 9,34 km. Este ousado e bem-sucedido investimento turístico (cerca de 765.000 turistas em 2011) tornou-se possível pela obra dos italianos nos trabalhos ferroviários (45.321 dos pouco mais de 70 mil empregados), que eram praticamente os únicos a enfrentar o duro trabalho de escavação. A última galeria foi construída por 200 italianos, bem pagos, mas confinados a 3.400 metros de altura por cerca de 4 anos, ligados ao resto do mundo apenas pelo telefone e pelo cabo de energia elétrica, e expostos a uma temperatura constantemente abaixo de zero e a um uso extremamente perigoso da dinamite. Em 16 anos de trabalho, os feridos foram cerca de 100 e os mortos 30 (todos italianos exceto um), de modo que o grande bispo dos emigrantes, monsenhor Geremia Bonomelli, dirigindo-se em visita ao canteiro de obras, disse aos compatriotas sem nenhuma ênfase: “*Sem a vossa potente ajuda esta obra gigantesca não poderia ser realizada*”; esta era também a convicção da sociedade empreiteira dos trabalhos. Uma história de heróis sem nome, que engrandeceu a emigração italiana.

Outra cidade emblemática é Wolfsburg, em território alemão, que celebra, em 2012, o quinquagésimo aniversário da chegada dos italianos à cidade, vindos na maioria para trabalhar nos estabelecimentos da Volkswagen. Os italianos, inicialmente considerados apenas hóspedes (*Gastarbeiter*), integraram-se bem à cidade, chegando a uma participação ativa no conselho de fábrica da famosa indústria automobilística, na prefeitura, nos partidos, nas associações e em outras organizações sócio-culturais. Em toda a Alemanha, os italianos são vistos com reconhecimento pela contribuição dada ao desenvolvimento local, não sendo mais considerados estrangeiros. “*A emigração foi uma escola de internacionalismo e irmandade entre os povos, feita de minorias que não devem ser esquecidas, mas, exaltadas, porque conquistaram novos horizontes morais que superam os nacionalismos*” (Peter Kammerer, docente da Universidade de Urbino, Congresso promovido pelo Museu da Emigração Italiana em 9 de novembro de 2011 sobre o tema “O papel da emigração italiana na unidade nacional”). Acabou o tempo do cartaz “*Eintritt für Italiener verboten!*”, que um restaurante de Saarbrücken colocou à vista com uma tradução italiana ainda mais imperativa: “*É rigorosamente proibida a entrada de italianos!*”.

O levantamento das comemorações não pode desconsiderar também aquelas, numerosas, relativas às Missões Católicas Italianas, frequentemente levadas adiante por sacerdotes que, movidos pelo sentimento de dever e pela coragem, viveram em solidão e pobreza, como nos recorda a Escandinávia, território igualmente alcançado pelos emigrantes italianos. O *Relatório Migrantes 2012* lembra também os 50 anos de vida da

Missão Kreuzlingen na Suíça e do Instituto das missionárias scalabrinianas, fundado em Solothum em 1961, que viu a participação, durante os festejos, de mais de 400 pessoas provenientes de mais de 30 países diferentes.

Diante desta longa história de emigração, cabe perguntar se o tempo da maturidade histórica corre o risco de equivaler à acentuação da crise nas relações entre os emigrantes e a Itália.

### **Uma história de compromisso humilde e de casos de sucesso**

As condições de acomodação dos emigrantes foram por vezes penosas, inclusive nos países onde atualmente as coletividades italianas inseriram-se em níveis apreciáveis. Em 1971, nos “block” novaiorquinos de Mullberry Street ou Bayard Street, o famoso repórter fotográfico Jakob Riis (1849-1914) contou 1.324 italianos amontoados em 132 cômodos.

Mesmo tendo um início tão desfavorável, a maior parte dos emigrantes atuou com dedicação para o bem da própria família e conseguiu fazer com que o próprio país fosse apreciado, tornando-se humildes mas eficazes embaixadores.

No passado não era insólito para os italianos deslocarem-se para o Leste Europeu, não apenas como trabalhadores braçais, mas também como pedreiros e artesãos. Isto ocorreu entre o final do século XIX e o início do século XX em ocasião da construção da Transiberiana que, com os seus 9.288,2 km, representou a mais longa ferrovia do mundo em um canteiro que precisou de numerosos operários provenientes do exterior, entre os quais, centenas do Friuli, originários principalmente de Vito d’Asio, Clauzzetto, Osoppo e Montenars.

Uma saída migratória dentre as mais antigas foi a França. O cantor e compositor Gianmaria Testa, entrevistado por *Rapporto Migrantes*, detém-se sobre os sofrimentos suportados pelos emigrantes naquele país. *Ritals*, uma de suas composições mais dramáticas, lembra o termo depreciativo com o qual os italianos eram chamados e, com sua mensagem musical, ensina que não tem futuro aquele que não leva em consideração a história.

Os emigrantes italianos são, portanto, pessoas que não podem ser esquecidas mas, por sua vez, são pessoas que devem se lembrar da Itália.

O *Relatório Italianos no Mundo 2012* apresenta histórias de sucesso, que mostram o apreço reservado, no exterior, tanto aos produtos identificados pelos famosos “4 A” do *made in Italy* (decoreação, automação mecânica, vestuário e produtos alimentares), quanto às numerosas figuras de empreendedores, arqueólogos, arquitetos, homens de cultura, agentes sociais e políticos. Por exemplo, o palácio real, o parlamento e outros edifícios públicos de Bangkok foram idealizados e executados nos anos 20, no século XX, tomando Turim como modelo, pelo florentino Corrado Feroci (1892-1962), assim como o escultor cremonês Francesco Riccardo Monti (1888-1958) foi autor dos mais prestigiosos monumentos de Manila nos anos 30.

Os mais de 4 milhões de italianos residentes no exterior constituem um mundo muito diferenciado, que vai das presenças estáveis àquelas temporárias, dos marinheiros aos circenses, para citar duas categorias nem sempre consideradas. Há os emigrantes que necessitam de assistência e outros, bem inseridos, capazes de ajudar seu país: tanto com uns como com outros a tarefa mais urgente consiste em conseguir estabelecer um vínculo de sucesso. São chamados a empenhar-se neste sentido, junto à sociedade italiana, os parlamentares eleitos no exterior, o Conselho geral dos italianos no exterior, os Comitês dos italianos no exterior e o associacionismo atuante em emigração.

### **A difícil relação da Itália com a sua diáspora**

A alta cultura dos séculos XIX e XX deteve-se apenas parcialmente ou episodicamente sobre a emigração italiana e, apesar do envolvimento de alguns autores importantes, tratou-se principalmente de um olhar que partiu de cima. Sucessivamente, o interesse específico pelos italianos no mundo aumentou, como atesta um grande florescimento de títulos a eles dedicados e, se já em torno dos anos 60 (com Italo Calvino, por exemplo) verificava-se uma maior empatia, nos últimos 20 anos a literatura pareceu ter redescoberto o contexto migratório e a memória do passado.

O balanço é problemático também em nível formativo. Na Itália, o conhecimento do fenômeno da emigração não entrou significativamente no percurso escolar, nem mesmo no primeiro período do pós-guerra, quando os fluxos em direção ao exterior eram ainda mais elevados. “*Como é possível – perguntava-se laconicamente, mas com palavras ainda válidas o prefaciador de *I figli del Sud* (Fabbri, Milano, 1973), livro-reportagem sobre as migrações internas e internacionais dos italianos do jornalista e estudioso do meridionalismo Giovanni Russo – que milhões de pessoas vivam o drama da emigração interna das zonas agrícolas do Sul para as periferias industriais do Norte, e os livros para jovens não falem a respeito disso? Que milhões de encontros entre colegas de escola devam ainda superar o obstáculo das diferenças de dialeto, de sensibilidade, de hábitos e de renda familiar, e a escola não tenha instrumentos adequados para explicar suas razões? [...] Como é possível, enfim, não enfrentar na escola o perigo de um comportamento discriminatório, senão racista, quando os jovens vêm com seus próprios olhos uma efetiva concentração de mão de obra meridional em certas profissões e em certos bairros da cidade, e na própria escola o amontoar-se de colegas imigrados do Sul nas classes diferenciadas?*” (pp. 5-6)

É também problemática a imagem que se tem da Itália no exterior, e não apenas porque custa a superar a difícil conjuntura econômica. Os meios de comunicação no exterior frequentemente apresentam a Itália como um país litigioso, escassamente concludente, de escassa relevância política e cultural, e frente a este comportamento as nossas coletividades sentem-se certamente desiludidas. De fato, foi reduzida a popularidade dos autores italianos no exterior atestada pelo *Index Translationum*, uma espécie de bibliografia internacional das traduções, dirigida pela UNESCO e informatizada desde 1979, que permite monitorar os últimos 30 anos com respeito à editoria e às traduções. Entre os primeiros 50 autores mais traduzidos no mundo não aparece nenhum compatriota. Já entre os primeiros 10 autores em italiano por número de edições no exterior, aparecem escritores clássicos, o “sumo poeta” e também duas personalidades religiosas (Umberto Eco, Italo Calvino, Dante Alighieri, Emilio Salgari, Carlo Collodi, Alberto Moravia, Gianni Rodari, Carlo Maria Martini, Niccolò Machiavelli e João Paulo II). Outra interessante classificação, relativa às “150 Italie più conosciute nel mondo” e organizada por um instituto escolar de Lecce ([www.costa.clio.it](http://www.costa.clio.it)), mostra a atenção reservada a diversos aspectos da vida italiana (história, cinema, moda, música, esporte), sem citar nenhum homem político do pós-guerra, nenhuma lei importante e nenhuma universidade.

### **A língua e a cultura italiana como vínculo**

A situação dos italianos no mundo é muito problemática, como estigmatizado em diversos capítulos do *Relatório Migrantes 2012*: redimensionamento da rede diplomático-consular, falta de recursos para a promoção da língua e da cultura italiana, bem como para a manutenção do sistema produtivo italiano e das atividades dos Comitês dos italianos no exterior. Os capítulos de despesa do Estado relativos aos italianos no exterior, dos 58 milhões de euros destinados em 2008 foram reduzidos a 16

milhões de euros em 2012 (-72%). A carência, porém, refere-se aos recursos financeiros e também às idéias projetuais.

A sociedade norte-americana, por exemplo, está cada vez mais atraída pela Itália e pela sua língua, cujo ensino, porém, corre o risco de perder posições, se não for adequadamente amparado. Esta situação preocupa os emigrantes, suas famílias, o mundo associativo, a Igreja e outras estruturas que se ocupam do setor. Estabelecendo-se a necessidade das manobras consideradas necessárias para atingir o saneamento econômico nesta fase de recessão, não se deve deixar de pensar que a presença no exterior seja um recurso: não é apenas uma questão de investimentos mas também, e principalmente, de mentalidade.

Para manter o sentimento de pertencimento das coletividades e favorecer a difusão da língua e da cultura italiana conjecturou-se que os Institutos italianos de cultura, no âmbito de um renovado quadro jurídico, possam ampliar competências e capacidades gerenciais, assumindo a coordenação das atividades do setor e tentando autofinanciar-se, analogamente a institutos similares no exterior, tais como Alliance Française, o Instituto Cervantes ou o Goethe Institut. Neste compromisso não se pode falhar e por isso, em uma sua reflexão, significativamente intitulada "*Eutanásia da diáspora italiana no mundo*", o padre scalabriniano Craziano Tassello escreveu que "os jovens não são vasos a serem cheios, mas tochas a serem acesas", os quais podem permanecer unidos ao seu país de origem apenas por meio da língua e da cultura (*Corriere degli italiani*, 15 de fevereiro de 2012).

### **A contribuição dos italianos no mundo**

A intensificação das trocas tornou relativo o conceito de soberania nacional e acentuou a importância da mobilidade humana. O apego às próprias origens culturais, inclusive por parte dos italianos que programaram uma permanência estável no exterior, leva a questionar sua desejável contribuição à sociedade italiana, assegurando os benefícios de uma "emigração de retorno" (não necessariamente em sentido físico). Esta é a perspectiva a fazer valer em um mundo globalizado, de redes muito ramificadas, chegando à consciência de que os resultados até agora alcançados não são reconfortantes.

Esta experiência transnacional constitui, antes, uma oportunidade para a Itália. O professor Riccardo Campa, docente da Universidade Jagellonica em Cracóvia, em uma entrevista concedida a [www.lombardinelmondo.it](http://www.lombardinelmondo.it), afirmou a respeito: "*Tenho também a impressão de que nós, italianos no exterior, exatamente pela nossa possibilidade de confronto com o que acontece em outros países, e pelo fato de procurarmos manter intacto o vínculo com a pátria-mãe, somos muito mais informados e capazes de entender a situação italiana do que quem nunca pôs o nariz fora da Itália*".

Por sua vez, Maurizio Molinari, autor do volume *Gli italiani di New York* (Laterza, Roma-Bari, 2011), afirmou: "*Amadureci a convicção de que cada italiano da América tem cognições, competências e vontade de realizar que poderiam transformar-se em um grande mecanismo de crescimento para o nosso país*".

Caminha neste sentido o programa iniciado no mês de abril de 2012 pelo Ministério das Relações Exteriores para criar uma plataforma web (*crowdsourcing*), com o envolvimento dos 22 adidos científicos a serviço nas embaixadas e consulados, a fim de consentir aos talentos expatriados que mantenham contato com a Itália e contribuam para a superação da crise e para o crescimento econômico.

O *Relatório Italianos no Mundo 2012* da Fundação Migrantes recomenda a quem permaneceu na Itália a inserção da presença italiana no exterior no percurso formativo e

cultural, e a quem vive no exterior a demonstração de um maior apego aos acontecimentos italianos, não deixando faltar sugestões direcionadas em ocasião dos múltiplos encontros organizados pelo governo, pelas regiões e pelas associações. Em 2011, segundo a Banca d'Italia, entraram na Itália mais de 70 milhões de pessoas provenientes do exterior (dentre as quais muitos italianos), de passagem ou para permanecer um ou mais dias, oferecendo ulteriores ocasiões para fortalecer os vínculos com o exterior.

## **Os emigrantes italianos. Dados resumidos.**

### ***Residentes italianos no exterior (01.01.2012):***

*Consistência:* 4.208.977

*Incidência sobre a população italiana:* 6,9%

### ***Características sócio-cadastrais***

**Mulheres:** 2.017.167 e incidência de 47,9% sobre o total AIRE

**Menores:** 664.666 e incidência de 15,8%

**Acima de 65 anos:** 797.619 e incidência de 19,0%

**Solteiros:** 53,7%

**Casados:** 38,9%

**Inscritos por expatriação:** 54,0%

**Inscritos por nascimento:** 38,3%

**Aquisições de cidadania:** 3,2%

### ***Pontos de origem e metas de chegada***

**5 primeiros países em residência no exterior:** Argentina (664.387), Alemanha (639.283), Suíça (546.614), França (366.170) e Brasil (298.370).

**5 primeiras regiões de origem:** Sicília (674.572), Campânia (431.830), Lácio (375.310), Calábria (360.312) e Lombardia (332.403).

**5 primeiras províncias de origem:** Roma (289.556), Cosenza (147.601), Agrigento (142.985), Salerno (115.822) e Nápoles (110.703).

**5 primeiras cidades de origem:** Roma (266.652), Milão (58.107), Nápoles (36.975), Turim (36.346) e Gênova (29.950).

### ***Fluxos relativos à Itália***

**Inscrições do exterior 2000-2010:** 404.952

**Anulações para o exterior 2000-2010:** 450.161

**Inscrições do exterior 2010:** 28.192

**Anulações para o exterior 2010:** 39.545

### ***Fluxos relativos à região Sul***

**Transferências para o Centro-Norte (2009):** 109.000

*Regiões de destino:* Lombardia, Emilia-Romagna, Lácio

*Regiões de origem:* Campânia, Sicília, Puglia, Calábria

*Protagonistas:* idade média 32,5 anos, sendo 32,5% com nível superior

**Transferências para o exterior (2009):** 12.000

*Países de destino:* Alemanha, Suíça e Reino Unido

**Oscilação de longo alcance (2010):** 134 mil (dado de 2010)

*Em direção ao Centro-Norte:* 121 mil

*Em direção ao exterior:* 13,2 mil